

5.

Conclusão

Há no pensamento de Vinicius de Moraes uma significativa elaboração dos temas do sofrimento, da morte e do luto. Embora em *Orfeu da Conceição* esses temas não tenham conclusões mais amenas e reconfortantes por causa do gênero trágico no qual a peça está constituída, para além dela vemos no poeta um pensamento mais otimista, mas esperançoso, verificado na maneira como trata esses temas nos poemas citados ao longo do desenvolvimento, da apresentação e do exame da literatura viniciiana, ao longo desta.

Sua perspectiva em relação ao tema do sofrimento reside, inicialmente, na sua vocação para a poesia e na vivência das angústias do ser poeta, especialmente por causa da capacidade de leitura da realidade e da conseqüente percepção mais aguçada. Porém, constata-se que ele demonstra certa empatia para com aqueles que sofrem, oferecendo palavras de encorajamento para enfrentar as lutas do cotidiano.

Em *Orfeu da Conceição*, Vinicius elabora o tema da morte apresentando-a como conseqüência da violência. Na exposição teológica esta forma de morte é trazida não como simples final da existência, mas como interrupção abrupta da vida.

Pode-se perceber ao longo da elaboração desta pesquisa o quanto o poeta sente as dimensões da morte e do luto na sua própria existência. Para ele, estas circunstâncias da vida são vivenciadas intensamente, e isso é transferido para seus escritos. As personagens de *Orfeu da Conceição* expressam nos respectivos sofrimentos essa profundidade alcançada pelo poeta da trama em expressar-se quanto àquilo que vivenciou e sofreu.

Além das personagens de *Orfeu da Conceição*, Vinicius expressa também essa profundidade quando em outros poemas acima citados, expõe seu pesar pela perda de familiares ou amigos. Aí estão pontos de contato desenvolvidos na literatura viniciiana com os quais a teologia cristã dialoga, pois temas como, sofrimento, morte e luto, estão presentes em sua pauta, especialmente nas elaborações escatológicas.

Ao levantar a maneira como Vinicius elabora esses dois temas, a morte e o luto, percebe-se que, semelhantemente ao que propõe os argumentos teológicos nesta pesquisa, ele enfrenta a morte e o luto, e o faz poeticamente, escrevendo a respeito do tema e/ou a respeito do ente querido que perdeu. E, como propõe Moltmann ao dizer que só se enluta que já amou, pode-se perceber o nível do amor que Vinicius sentia pelos entes queridos na maneira como elabora sua despedida deles.

Diante do debate teológico apresentado a respeito do tema da morte, destacam-se alguns elementos. Primeiramente, que a morte trata-se de uma dimensão incontornável, e que diante disso ela pode ser percebida: pela perspectiva da natureza, refere-se ao caráter biológico e corpóreo do fim da existência; como ato pessoal, destaca a perspectiva da personalidade humana em sua capacidade de decisão e ao mesmo tempo em que expõe a interligação das relações que o ser humano possui, não se configurando, portanto, um acontecimento isolado; e como fato social, elabora as percepções e vivências da morte através das diversas circunstâncias perceptíveis especialmente diante da ocorrência da morte ou nos bairros nobres ou nas periferias. A partir desse prisma expõe a suscetibilidade maior da morte em ambientes onde a pobreza fragiliza a vida humana, pois enfrentam mais crises, correm mais riscos e são mal assistidos pelo poder público.

Outro elemento a ser destacado como importante neste debate é o caráter ritual com que o ser humano trata a morte, promovendo as etapas de entrega do falecido a esta esfera misteriosa da existência.

Destacam-se ainda, os debates anteriormente apresentados refere-se às modificações que vem ocorrendo no trato da morte. Anteriormente vivida com intensidade por aquele de quem ela se aproximava, e por aqueles que o rodeavam, familiares e comunidade, hoje é escondida dos círculos mais próximos e da realidade existencial nos hospitais, promovendo um fim triste e solitário ao ser humano que está morrendo. Isso se configura como um esvaziamento da dignidade humana no momento da morte.

Destaca-se também a importância de vivenciar a morte de maneira mais digna, o que implica, por um lado, em trilhar seu caminho, passando pela recusa de sua iminência, a raiva por estar sujeito a ela, a troca na qual se vivência uma trégua para por a ‘casa em ordem’, a depressão quando se lamentam perdas

anteriores e futuras; e, a verdadeira aceitação quando o ser humano é tomado pela quietude e pela espera da sua hora que está chegando. Por outro lado, implica em agregar o testemunho da fé no intuito de recuperar a dignidade que vem sendo esvaziada, pois a perspectiva da fé dá sentido e humaniza a morte, ao mesmo tempo em que a mostra como andamento e continuidade da comunhão.

Nesta perspectiva teológica destacam-se, também, alguns elementos do debate a respeito do luto. O primeiro deles diz respeito ao cenário de morte que sofre um processo de obscurecimento e supressão da realidade, a privatização da morte, decorrente da incapacidade do ser humano em lidar com o luto, o que implica para o enlutado que reserve à sua intimidade as expressões de sofrimento derivadas de sua perda. A sociedade, assim, marginaliza aqueles que desejam vivenciar o luto saudavelmente.

Diante desse quadro há a necessidade de se recuperar a ideia de que só vive o luto adequadamente aqueles que amaram seus entes queridos falecidos. Só se enlutará quem amou, pois o amor é fator fundamental para se entender os porquês do luto. Assim sendo, os espaços de auto-ajuda a enlutados oferecem condições mais saudáveis de enfrentar as perdas.

O “trabalho do luto” visa não só à dissolução do amor em relação ao objeto perdido do amor, para capacitar para a escolha de um novo amor. Certamente isso faz parte do processo. Porém, em seu cerne, trata-se da renovação do si que morreu junto com a pessoa amada em virtude do amor. É nos próprios enlutados que se renova a “fonte da vida”. Eles adquirem novo desejo de viver e ânimo para novas experiências de vida. Eles não esquecerão os falecidos. Eles poderão recordá-los sem ir parar outra vez no abismo do luto sem fim³¹⁸.

Para contribuímos para o enfrentamento e a superação do luto é preciso demonstrar presença de espírito, sensibilidade e a experiência que já foi adquirida, pois estimularemos o renascimento da vida a partir das consolações do luto. Neste sentido, faz-se necessário agregar o fator fé que orienta a vivência completa e saudável do luto, mostrando a realidade de que não somos invulneráveis, mas que também não o enfrentamos sozinhos.

Neste debate sobre o luto e seu enfrentamento. Em primeiro lugar, é preciso entender que a morte é uma parte constitutiva da vida e que ela estende-se aos

³¹⁸ MOLTSMANN, J. *A vinda de Deus. Escatologia cristã*. p. 142-143.

sentimentos daqueles que estão enlutados, pois o morrer implica, necessariamente, a esfera social.

Outro destaque importante é que a única maneira saudável de vivenciar a tristeza do luto é por meio do amor. O motivo de nos enlutarmos reside no fato de amarmos, pois só pode enlutar-se aquele que já amou.

Contudo, o enlutar-se é, também, dar início ao processo de renascimento da vida a partir da consolação, daí a necessidade de reconhecer e enfrentar a dor do luto, pois só assim ela será superada.

Por fim, para oferecer ajuda aos enlutados faz-se necessário um envolvimento com a própria realidade de dor, vivenciada por aqueles que agora se dispõe a oferecer consolação e conforto aos que sofrem o luto. E mais, é preciso também solidarizar-se com os enlutados, sabendo da dor que eles estão passando e cooperando para que eles também superem essa dor e renasçam para a continuidade de suas vidas.

A partir do momento em que estabelecemos um relacionamento de ajuda na esfera do cuidado pastoral, tocamos no sentido da vida que alicerça a existência humana. O sentido da vida está relacionado ao tempo, ao momento vivenciado da pessoa. Isso porque a vida questiona as pessoas, a sociedade, pelo sentido da vida. O sentido tem uma dimensão de subjetividade e também de relatividade. Há um sentido para cada pessoa. A busca pelo sentido da vida pode se traduzir na fé, a fé no Deus que se aproxima do ser humano na caminhada, estabelece um diálogo com nossos dilemas e esperanças (Lc 24)³¹⁹.

O título da tese é uma citação de uma canção *A Felicidade* de Vinicius de Moraes, que originalmente é uma afirmação, mas que aqui usamos como um questionamento, na expectativa de que ela fosse respondida ao longo desta pesquisa. E ousou esboçar uma resposta. A tristeza está aí diante de nós. Não podemos nos livrar dela. Mas ela tem seu fim. Como afirma McDermott

Admitido o sofrimento e a finitude do homem, este mundo não pode ser o melhor ou o pior dos mundos possíveis. Com efeito, o que é limitado pode ser superado. Enquanto finitos, os sofrimentos humanos não podem ser males absolutos; pelo contrário, podem ser relativizados não somente por quem os experimenta – cuja atitude influencia sua percepção – mas também fazendo referência a uma realidade mais ampla ou a um objeto mais vasto³²⁰.

³¹⁹ PAULA, B. *Pedaços de nós: luto, aconselhamento pastoral e esperança*. p. 205.

³²⁰ McDERMOTT, J. M. “Sofrimento” p. 913.

A vida humana inclui também momentos de grande alegria e satisfação. Por isso, se a tristeza tem fim, talvez não total, mas parcial, é porque a alegria também se faz presente em nosso cotidiano. Ela faz-se presente na medida em que contemplamos coisas grandiosas e boas ao nosso redor, mas também quando não sofremos sozinhos, na medida em que nas nossas dores mais profundas somos amparados por aqueles que nos amam, mas acima de tudo, por causa da perspectiva da fé, que Deus se importa conosco e que não nos desampara nesses momentos de lutas e dificuldades que enfrentamos.